

Educação e diálogo na perspectiva de Freire

Education and dialogue according to Freire's perspective

Balduino A. Andreola*

Resumo

O diálogo, como um dos elementos principais na pedagogia de Freire, é abordado neste artigo em diferentes aspectos. Freire não teorizou, apenas, sobre o diálogo. Ele o praticou constantemente em sua trajetória e o expressou inclusive na elaboração de suas obras. Em mais de vinte livros, Freire aparece como co-autor, em diálogo com outros educadores. Quatro livros seus trazem no título o vocábulo “cartas”. Outros grandes pensadores, desde Sócrates e Platão, até Max Scheller e Mounier, praticaram o diálogo enquanto educadores, como também na elaboração de suas obras. O artigo situa historicamente Freire entre os grandes mestres do diálogo, definindo afinidades existentes, mas também as diferenças, sobretudo porque, como educador, inaugurou um novo paradigma epistemológico-pedagógico e político, enquanto constrói toda a sua obra através do diálogo preferencial com os “condenados da terra” (Fanon), com os excluídos, com

os oprimidos, com os sujeitos históricos da “periferia”.

Palavras-chave: diálogo, educação, Freire, oprimidos, práxis, novo paradigma.

Alguns causos, pra início de conversa

Em 1992 foi lançado, pela L&PM Editores, o segundo volume das obras póstumas de Ernani Maria Fiori. Em conjunto com a editora e contando com a fraterna colaboração do amigo Pedro Fiori, filho do Ernani, promovemos na Faculdade de Direito um painel do qual participou Paulo Freire. Antes

* Doutor em Educação pela Université Catholique de Louvain – Bélgica. Professor e pesquisador na Escola Superior de Teologia - São Leopoldo, RS – Brasil. E-mail: balduinoandreola@yahoo.com.br.

da sessão solene, o frei Sérgio Görge combinou um encontro de uma meia hora de Paulo Freire com os monitores do Projeto de Alfabetização do MST. Eu não participei, pois estava envolvido em preparar a sessão solene, mas o professor Nilton B. Fischer relata muito bem o encontro: “Os monitores falaram muito. E o Freire só escutava. Terminado o relato, estava todo mundo esperando o Paulo Freire falar. Aí eu gosto de usar a imagem da barba branca. Talvez o Papai Noel do Michel, né”. O colega Nilton lembrou que meu filho menor, o Michel, a primeira vez que viu Paulo Freire na televisão gritou: “Olha o Papai Noel”. O Nilton continua: “Aí o Paulo Freire fica sentado assim (recostando-se na cadeira), alisando a barba com a mão, e fala: ‘Me digam uma coisa: Qual é a distância entre os assentamentos?’ – E o pessoal responde: ‘Entre alguns, é de 40 quilômetros. Para outros, tem que atravessar o Estado...’ Mas logo perguntaram: ‘Por que esta pergunta, Freire?’ E ele: ‘Ah, nada. Eu pensei apenas que, se os assentamentos fossem perto um do outro, nos sábados ou domingos os assentados poderiam se encontrar, para conversar, trocar experiências...’.”

A expectativa do grupo era que Freire começasse de outro jeito. Mas ele começou com o óbvio, encontrar-se para conversar, para dialogar. Esse episódio me lembra um outro, contado por Danilo Streck no I Fórum Social Mundial, em Porto Alegre. Ao expor uma pesquisa sobre experiências do Orçamento Participativo, relatou que,

no fim de uma reunião de prefeitos do interior, um deles disse: “Nós precisamos tomar mais vezes chimarrão juntos”. Tomar chimarrão juntos. Parece-me a expressão mais sintética, concreta e poética do diálogo segundo Freire. Um Freire à gaúcha.

Mas, afinal, o que é o diálogo segundo Freire?

No ano passado, quando me foi pedido um artigo para a revista *Viver: Mente & Cérebro*, em lugar de escolher um tema preciso da obra de Freire, preferi fazer um *pout-pourri*, indo e vindo, através de vários temas centrais da mesma, numa espécie de andarilhagem, bem ao estilo de Freire, eterno andarilho da esperança, do diálogo, da libertação, do óbvio, enfim. O tema do diálogo é tão amplo, variado, na obra de Freire, que pensei em abordá-lo nesse vaivém ou nessa andarilhagem, respingando diferentes situações, formas, facetas, perspectivas e dimensões do diálogo, nas obras, na práxis histórica e na trajetória planetária de Freire.

Nessa minha andarilhagem, eu poderia trazer outros episódios em que me foi dado vivenciar diretamente o diálogo de Freire em situações bem concretas da vida. Várias delas, por ocasião de vindas suas a Porto Alegre, que eu pensei já em relatar, em parceria com outros colegas, sob o título “Conversas de aeroporto com Paulo Freire”. Ou então os diálogos domésticos, por ocasião da última vinda dele

ao sul, quando o Fernando Becker foi buscá-lo no aeroporto, e eu fiquei espetando e assando os galletos.

De tarde, no Salão de Atos da UFRGS repleto de jovens, sentados até nos degraus, para o “papo com os estudantes”, que Freire prometera em 1994, ao receber o título de doutor Honoris Causa, ele deu uma demonstração extraordinária de como se pode dialogar com os jovens. Depois de uma saudação de poucos minutos, propôs não fazer palestra, mas que eles, os estudantes, tomassem a iniciativa, formulando perguntas para o diálogo, que se desenvolveu durante umas duas horas e meia.

Freire não estava muito bem. Além disso, no dia seguinte viajaria a Lajeado, para um encontro com o magistério estadual, municipal e particular daquela cidade. À noite, não quis, por isso, jantar fora, e assim, no hotel Embaixador, tive o privilégio de umas três horas de diálogo muito gostoso, cujos temas centrais surgiram das conversas que tivera em minha casa com meus filhos Diego e Michel, crianças ainda. daquelas conversas lembro sobretudo a atenção extrema de Freire para os mínimos detalhes de seus encontros com as pessoas, especialmente em se tratando de crianças. Eu diria que foi uma aula gostosa para o diálogo com meus filhos. Se fui capaz de aprender direito a lição daquela aula inesquecível, só o Diego e o Michel podem dizer.

Mas vamos ampliar os horizontes, de contextos domésticos, para contex-

tos historicamente e culturalmente mais universais.

O diálogo é invenção de Freire?

Uma das objeções a Paulo Freire é de que não é possível dar aula através do diálogo. Pessoalmente, penso, pelo contrário, que não é possível dar aula sem praticar o diálogo. Mas acho interessante buscar luzes para essa questão ao longo da história da filosofia e da educação. A proposta do diálogo na educação não é exclusividade de Freire. Grandes pensadores e mestres da humanidade vivenciavam habitualmente o diálogo com seus discípulos, com seus amigos ou até com os adversários. Bastaria lembrarmos alguns.

Ao falarmos em Sócrates, por exemplo, nós lembramos imediatamente a maiêutica socrática e a ironia socrática. É através do diálogo, o tempo todo, que Sócrates faz filosofia e realiza a educação dos jovens. A maiêutica é o diálogo com os discípulos e amigos, desafiando-os a extraírem de dentro de si a verdade, em lugar de ministrá-la ele mesmo, através de exposições magistrais. A ironia era sua forma de dialogar com os sofistas, levando-os a se envolverem nas armadilhas de suas próprias contradições.

Platão, o maior dos discípulos de Sócrates, fascinado pelo método do mestre, legou-nos grande parte de seus livros escritos em forma de diá-

logos, nos quais Sócrates é o interlocutor principal. Questiona-se até se certos diálogos de fato aconteceram, com Sócrates, ou então se Platão não os teria criado, inspirando-se no método socrático de fazer filosofia e usando o diálogo como recurso estilístico, como gênero literário mais adequado para expor seu pensamento.

Xenofonte e Aristófanos são outros discípulos de Sócrates que utilizaram o diálogo socrático como estilo literário para alguns de seus livros. De Xenofonte, podemos lembrar o livro *Apologia de Sócrates*, e de Aristófanos, *As nuvens*.

É preciso que nos perguntemos, porém, se o “diálogo socrático” e o “diálogo freireano” são idênticos. Certamente, há aspectos parecidos ou idênticos entre as duas formas de dialogar. Sem me deter muito no assunto, julgo importante registrar, porém, algumas diferenças relevantes. Li um artigo, na Bélgica, em que se fala de uma nova “maieutica” em Freire. Não me parece correto. Para sua maieutica, Sócrates se inspirou na profissão de sua mãe, que era parteira. Como a mãe dele extraía a nova vida do ventre de outra mãe, Sócrates pensava que o mestre pode “extrair” as idéias da mente dos discípulos, ou então ajudar os discípulos a extraírem as idéias, o conhecimento, de dentro de si. Isso pressupõe as idéias preexistentes na mente das pessoas, as idéias inatas. Trata-se de um idealismo elaborado, depois, muito mais explicitamente, por seu maior discípulo, Platão. Na pedagogia de Freire não cabe essa

concepção idealista do conhecimento. O diálogo proposto por Freire tem como um de seus principais objetivos a problematização da realidade. Não se trata de o aluno extrair de dentro de si o conhecimento, mas, sim, de construí-lo, na intersubjetividade do diálogo, mediado pela realidade do mundo. Portanto, nem uma concepção mecanicista e bancária do conhecimento, do ensino e da educação, que consistiria em transmitir, depositar ou introjetar conhecimentos e valores, nem uma concepção idealista, que se resumiria em extraí-los da mente dos educandos, mas, sim, uma criação e construção coletiva, baseada no diálogo.

Outra diferença entre os diálogos de Sócrates e o diálogo questionador, problematizador proposto por Freire, é que muitas perguntas formuladas por Sócrates a seus interlocutores me parecem indutivas demais.

Santo Agostinho, cuja obra revela muita inspiração platônica, também recorreu ao diálogo enquanto educador. O livro *De magistro* é, todo ele, um diálogo admirável de Agostinho com seu filho Adeodato. Santo Anselmo, como bom agostiniano, também valorizou muito o diálogo em suas preleções e obras. Os dois livros, *A verdade* e *O gramático*, por exemplo, são elaborados em forma de diálogo do princípio ao fim. Entre os grandes pensadores e educadores de nossos tempos, limito-me a citar dois: Max Scheler e Emmanuel Mounier.

De Max Scheler temos uma referência interessante trazida pelo filósofo

sofo Jean Lacroix. Prefaciando o livro *Problèmes du personnalisme*, de Paul-Louis Landsberg, que ele lembra como “o aluno, o amigo e o discípulo” de Max Scheler, Lacroix escreve:

Ele admirava sobretudo o fato de que Max Scheler tenha podido unir à profundidade germânica a vivacidade de espírito, o estilo francês. No Seminário de Scheler, me dizia ele um dia, tudo era vida, interesse, discussão: todo o mundo tomava a palavra, tornava-se inteligente ao contato com o mestre. Um aluno, porém, permaneceu o ano todo sem abrir a boca. Na última reunião, Scheler pergunta-lhe: “E o senhor, que não disse ainda nada, gostaria de expressar seu ponto de vista?” O rapaz respondeu muito lacônico: “A palavra é prata, o silêncio é ouro”. Antes ainda que ele terminasse, Scheler, indignado, o dedo em riste, bradou: “Falsificador de moedas!”

De Mounier como professor de filosofia, uma aluna nos deixou este belo depoimento:

Contrariamente aos outros professores, que procuravam fazer com que reinasse o silêncio numa classe turbulenta, ele sofria por causa de nossa calma e nos estimulava a falar. Ele amava as interrupções, as perguntas, as objeções; ele nos teria querido mais ativos. Tinha horror dos professores que ministravam seus cursos ex-cathedra e pouco se preocupam com o alcance de suas palavras. Ele queria que suas palavras fossem o começo de nossas decisões.

E o mestre dos mestres, Jesus Cristo, não praticava o diálogo em suas pregações? Após as parábolas, ele interpelava os seus discípulos, ou então eles tomavam a iniciativa de formular

perguntas ou expor dúvidas. E o anúncio da boa-nova prosseguia através do diálogo amigável e descontraído. Outras vezes, porém, o diálogo assumia tons de indignação e denúncia, como no caso dos acusadores da adúltera, cuja defesa Cristo assumiu, propondo que atirasse a primeira pedra aquele dentre eles que nunca tivesse pecado. *En passant*, uma pitada irônica para os defensores intrépidos e intransigentes dos famosos “conteúdos” tradicionais. De acordo com a verdade pedagógica por eles defendida, Cristo não devia ter buscado os “temas geradores” de suas parábolas nas experiências e nos saberes do povo, mas, sim, nas fontes mais abalizadas da sabedoria grega e romana, sintetizadas na *paidéia* e na *humanitas*. Desculpem trazer o Cristo para o nível de nossas querelas acadêmicas. Ele é “a Palavra”, (*verbum, logos*) do Pai, encarnação histórica e perene de seu diálogo de libertação e salvação com a humanidade.

O diálogo da periferia

Mas o que teria de inovador, além das diferenças assinaladas, o diálogo proposto e praticado por Freire em relação ao diálogo de Sócrates, Platão e outros mestres do pensamento ocidental? Quem sabe, antes de responder abstratamente, não poderíamos lembrar algumas situações em que Freire vivenciou o diálogo? No livro *Pedagogia da esperança* ele mesmo nos relata dois episódios, que se repetiram em outras oportunidades.

Um aconteceu num assentamento da reforma agrária, no Chile. Depois de uma conversa informal com aqueles agricultores, Freire fechou-se num silêncio inesperado, que, depois de algum tempo, parecia ser eterno. Um dos presentes, não suportando a angústia daquele silêncio, interrompeu-o pedindo desculpas, porque achava que, em lugar de ficarem batendo aquele papo, eles deviam ter se disposto a ouvir a sua palavra. Paulo Freire questiona, problematiza, então, a situação criada, perguntando por que ele deveria falar, e eles não. Em seguida propõe-lhes um jogo de perguntas: eles fariam a Freire dez perguntas, tiradas dos seus saberes de agricultores, e ele também apresentaria outras dez baseando-se nos seus estudos. Depois de se alternarem nas interrogações, eles não conseguiram responder nenhuma das perguntas difíceis de Freire, mas ele, por sua vez, também ficara devendo todas as respostas. Terminada a brincadeira, sugeriu que, indo para suas casas, se questionassem se era verdade que ele sabia muito e eles, pouco ou nada.

Como naquela ocasião, muitas outras vezes, no Brasil, ele provocara situações semelhantes, como forma de problematizar o silêncio proverbial que sempre se espera de platéias “ouvintes, silenciosas e silenciadas”, para entabular com elas o diálogo criativo e fecundo. No livro já citado, *Pedagogia da esperança*, ele conta uma daquelas situações. No contraste imaginado por um grupo de camponeses do Nordeste, segundo eles, Freire, como doutor,

sabia tudo, e eles, nada. Questionados por ele sobre a origem de tal situação, chegaram à conclusão de que era Deus que assim queria. Evitando qualquer tom doutrinário, ele problematizou a concepção mágica de seus interlocutores, que, assim, através do diálogo desafiador, chegaram a uma visão crítica das coisas.

As situações lembradas nos oferecem a oportunidade de salientar alguns aspectos fundamentais no diálogo que perpassam toda a vida e toda a obra de Freire. Em primeiro lugar, o diálogo freireano insere-se num processo histórico amplo, de luta, transformação e libertação dos povos latino-americanos. A fase áurea de tal processo pode ser estabelecida nas décadas de 1950 e 1960. Depois veio a repressão violenta dos regimes autoritários de todos nós conhecidos. A importância maior daquele diálogo amplo consiste no fato de que, pela primeira vez na história da América Latina, as multidões imensas dos povos deste continente foram desafiadas a quebrar “a cultura do silêncio”, imposto durante quase quinhentos anos pelo colonialismo, e puderam “dizer a sua palavra”.

Esse processo de transformação e libertação, gestado na América Latina, teve sua formulação teórica expressa em diferentes campos do saber, entre os quais podemos salientar a filosofia da libertação, a teologia da libertação, a pedagogia da libertação, cuja expressão clássica foi a *pedagogia do oprimido*. Podemos lembrar ainda, como desdobramentos dessas

formulações, o teatro do oprimido, de Augusto Boal, e a psicoterapia do oprimido, de Alfredo Moffat. Paulo Freire não se isolou no campo da pedagogia, mas praticou um diálogo fecundo em sua obra e em sua práxis pedagógico-política com a teologia e com a filosofia da libertação.

No nível da práxis histórica da libertação, esse processo amplo teve suas expressões concretas nos movimentos populares, nas lutas sindicais, nas organizações estudantis, nas comunidades de base, em diferentes formas de educação popular e em movimentos revolucionários. Frei Beto, que, junto com Paulo Freire foi e continua sendo um dos mentores principais de todo esse processo histórico, afirmou, durante a primeira edição do Fórum Social Mundial, em Porto Alegre - RS, que nas origens de todos esses movimentos está, como principal inspirador, Paulo Freire. Cabe lembrar aqui, porém, uma outra dimensão essencial do diálogo praticado por Freire, no nível da práxis. Ele nunca atuou sozinho. Desde os tempos do Recife, coordenando depois o movimento de alfabetização em nível nacional, mais tarde na fase chilena de seu exílio, nos dez anos de atuação no Idac e, sobretudo, como secretário de Educação de São Paulo, Freire sempre trabalhou em equipe, de forma interdisciplinar.

O inserir o diálogo freireano e sua obra como um todo num processo histórico amplo leva-nos a pensar que o mesmo significa também o início de um novo paradigma epistemológico. A filosofia, a teologia e a pedagogia da

libertação não se inserem mais no paradigma tradicional do Ocidente. Não se trata de pensamento de gabinete, produzido entre os muros da academia, mas, sim, de um pensamento gestado no diálogo com os sujeitos históricos, que, através de novas formas de convivência, de ação, de luta e de discussão, romperam o silêncio imposto pelo colonialismo, levando o povo dos diferentes países a se assumirem como sujeitos da história.

Para tornar mais concreta a minha reflexão, trarei ao debate um assunto polêmico. O filósofo Flikinger, amplamente conhecido de todos nós, afirmou, em várias oportunidades, que Habermas é utilizado entre nós para contrapô-lo a Freire. Minha posição a respeito desse assunto foi expressa na “Carta-prefácio” que escrevi para o livro póstumo de Freire intitulado *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. Em 1997, se Paulo Freire não tivesse morrido, teria participado, na Alemanha, como convidado especial, do Congresso Internacional de Educação de Adultos, durante o qual estava previsto um encontro entre Habermas e Paulo Freire, segundo me informou sua esposa, Ana Maria Araújo Freire. Não se trata de minimizar a grandeza de Habermas como, talvez, o maior filósofo da atualidade. Trata-se, isto sim, de distinguir devidamente paradigmas que estabelecem como pontos de partida situações absolutamente diversas e, sob muitos aspectos, irredutíveis.

O filósofo alemão Karl Otto Apel reconheceu esse problema ao confessar

publicamente, durante o IV Seminário Internacional: a Ética do Discurso e a Filosofia da Libertação, promovido pela Unisinos e pelo Instituto Goethe, em 1993. Aceitando as afirmações dos colegas latino-americanos de que 75% da humanidade não têm acesso a qualquer forma de discurso, Apel reconheceu que estaria fazendo um trabalho inútil ao produzir uma obra inteira sobre a ética do discurso para apenas 25% da humanidade, que tinha acesso a todas as fontes de informação e a todas as modalidades de comunicação. É radical, pois, a diferença entre uma teoria e uma obra produzida em gabinete de pesquisa do autodenominado “Centro” e um pensamento, uma epistemologia e uma obra que nascem do chão, da terra, no diálogo entre o povo e os seus intelectuais orgânicos, comprometidos historicamente com a luta e a libertação dos oprimidos e excluídos da “Periferia” denominada “Terceiro Mundo”.

Diálogo intercultural

Ao mesmo tempo, porém, que afirmamos a diferença e a distância quase inconciliável, cabe reconhecer também a mudança radical dessa situação, num diálogo que se torna universal, através da recepção mundial da *pedagogia do oprimido* e da universalização da obra de Paulo Freire. Tal difusão planetária teve como fator decisivo a opção também radical de Paulo Freire pelo Conselho Mundial de Igrejas (CMI), onde esteve durante

dez anos e onde fundou, com outros exilados, o Instituto de Ação Cultural (Idac), que lhe abriu caminho para diálogos extraordinariamente valiosos, com grupos de todos os continentes, mas, em particular, com os povos de vários países africanos que estavam construindo sua emancipação do colonialismo. Para compreendermos o alcance da opção feita por Freire, importa lembrarmos que, em 1969, antes de receber o convite do CMI, havia recebido outro da Universidade de Harvard. Sua escolha foi de aceitar, pelo período de uma ano, o convite daquela universidade, decidido a ir depois definitivamente para Genebra, convencido de que o CMI lhe oferecia condições muito mais favoráveis de um trabalho amplo, mundial, de acordo com sua proposta político-pedagógica de libertação.

Numa entrevista em 1994, Freire reafirmou essa sua escolha dizendo que, ao aceitar o convite da universidade americana, estava querendo “ver o bicho na toca”. O lance de humor por parte de Freire chama a atenção para dois aspectos importantes em sua busca de diálogo. Primeiramente, ele tinha feito opções às quais não renunciou nunca, ou seja, ele se sentia comprometido com a causa dos oprimidos, dos excluídos, dos “condenados da terra”, segundo Frantz Fanon, que ele cita seguido em suas obras. Essa preferência, porém, não significa que Freire excluísse o diálogo com outras pessoas e outros grupos, menos comprometidos com essa causa, ou então, que combatessem até suas posições.

Segundo ele, o diálogo será sempre possível com os diferentes. Só é impossível com os antagonicos.

Do diálogo com os diferentes, na vida e na obra de Paulo Freire, haveria assunto para uma ou várias teses de doutorado. Pessoalmente, escrevi, na Bélgica, uma dissertação sobre a contribuição de Paulo Freire para o diálogo intercultural e dediquei um capítulo de minha tese às contribuições de Mounier e de Freire para esse diálogo. Roger Garaudy, em seu livro *Para um diálogo das civilizações: o Ocidente é um acidente*, dá um destaque especial à contribuição de Freire para o diálogo das culturas, considerando-o o maior pedagogo do século.

Não se trata, entretanto, apenas de diferenças culturais. Há muitas outras diferenças. E quanto aos diferentes, Freire dialogou com absoluta tranquilidade com muitas pessoas e com vários grupos políticos que não pensavam como ele. Soube aceitar com muita abertura críticas as mais diversas. Lembro duas entrevistas com marxistas, acontecidas uma no Chile e outra em Genebra, que foram, talvez, as mais árduas e desafiadoras para ele. Freire aceitava os questionamentos levantados, mas argumentava com liberdade, expondo sempre suas discordâncias, quando as havia. Às críticas gratuitas e não fundamentadas, não perdia tempo em responder para defender-se. E estas foram muitas, sobretudo aqui no Brasil.

As críticas dos assim ditos “con-teudistas”, por exemplo, carecem de qualquer fundamento, pois nunca foi

verdade que Freire desvalorizasse os conteúdos tradicionais, em favor dos temas surgidos da experiência dos educandos. O que ele propunha é que se parta dos temas, das experiências e das vivências dos educandos, não que se permaneça no limite dos mesmos. Também não é verdade que Freire priorizasse a educação popular, em lugar do ensino escolarizado. Ele sempre foi um batalhador pela escola pública de qualidade, desde a década de 50 até o período em que foi secretário de Educação do município de São Paulo, e continuou sendo até o fim.

Paulo Freire disse e escreveu a respeito de Ernani M. Fiori que ele não praticava apenas a dialética, mas que era a própria dialética. Parodiando a sua fala, podemos dizer que Freire não praticava o diálogo, ele era o próprio diálogo. E diálogo significa, por isso e antes de tudo, modo de ser, forma de agir e atitude permanente de vida. Respondendo um dia a uma pergunta do professor Nilton B. Fischer, num Seminário da AEC, em Porto Alegre, Rubem Alves o definiu com esta expressão: “Uma presença mansa”. Depois de me encontrar pela primeira vez com Paulo Freire, em Caxias do Sul, em 1984, e de haver participado de todas as suas falas durante dois dias, escrevi-lhe uma carta muito breve, declarando minha satisfação de conhecê-lo pessoalmente, mas, principalmente, por constatar a coerência total entre o que ele escrevia e a sua maneira de ser e de acolher as pessoas, todas as pessoas, e de dialogar amorosamente com elas.

A esta altura ocorre-nos, talvez, perguntar qual o segredo profundo dessa capacidade imensa para o diálogo. Numa entrevista com Claudius Ceccon e Miguel Darcy de Oliveira, publicada em número especial do *Pasquim* em 1978, ao responder sobre as experiências tristes ou gratificantes do exílio, Freire fala de suas convivências e diálogos extremamente enriquecedores, com pessoas e grupos de diferentes contextos geográficos e culturais. Depois de salientar como umas das principais aprendizagens o respeito pela diferença, ele conclui: “Eu sou capaz de amar enormemente qualquer povo.” Na mesma entrevista, refere uma acusação que lhe foi feita de que ele falava muito em amor e que o amor é um conceito burguês, acusação que ele assim repele:

Eles podem ter a propriedade das fábricas, mas do amor não. O amor é uma dimensão do ser vivo e que ao nível do ser humano alcança uma transcendência espetacular. Nesse sentido é que eu digo que a revolução é um ato de amor.

O tema do amor é, podemos dizer, um tema transversal na obra de Freire. Em *Pedagogia do oprimido* enfatiza em dois revolucionários, Camilo Torres e Tche Guevara, seu profundo amor para com o povo. Na última frase da obra ele conclui expressando a esperança de um mundo “onde seja menos difícil amar”. Sem o amor é difícil entender a pedagogia de Freire e, sobretudo, fundamentar o diálogo.

Essa importância ao tema do amor na obra de Freire me leva a pensar em outros grandes mestres da humanidade que, como ele, pensaram, no horizonte da utopia e da esperança, um novo projeto de mundo e lutaram por sua realização. Na formulação de seu pensamento e desse novo projeto histórico, a linguagem por eles utilizada inclui o amor como fator essencial. Gandhi e Luther King propugnaram a não-violência; Mounier estabeleceu a comunicação como experiência primordial da pessoa; o Dalai Lama fala em compaixão; o padre Lebreton lutou por uma sociedade solidária; João XXIII pregava um mundo de paz e socialização; Leonardo Boff insiste que precisamos cultivar o espírito do cuidado; Paul Ricoeur escreveu longamente, nos últimos anos de sua vida, sobre a necessidade do perdão, o perdão não apenas como virtude humana e cristã, mas também como categoria e exigência política, para a reconciliação dos povos. Outros grandes líderes e educadores da humanidade de nosso tempo expressaram, em linguagens diferentes, o mesmo ideal que se resume finalmente no amor. Poderíamos lembrar Simone Weil, Villy Brand, Nelson Mandela, Paramahansa Yogananda, Tereza de Calcutá, Fritjof Capra, Roger Garauday, Helder Câmara e muitos outros.

Ocorre-me com frequência a idéia de uma “Pedagogia das grandes convergências”, que deve ser também uma “Pedagogia das grandes urgências”. Vivemos sob a ameaça de uma des-

truição iminente do planeta. Freire se insere, assim, no diálogo decisivo dos grandes mestres e grandes profetas do nosso tempo, proclamando a urgência de um novo projeto pedagógico-político, destinado à defesa da vida e da convivência coletiva da humanidade, num mundo menos violento, mais fraterno e solidário, construído no diálogo entre as pessoas e entre os povos.

Objeções ao diálogo freireano

O que é afinal, então, o diálogo segundo Paulo Freire? Lembro que um dia o professor Gomercindo Ghiggi, da UFPel, me falou de um conhecimento de Paulo Freire na linha do “senso comum”, ou seja, todo mundo, ou quase, no Brasil, diz que conhece o pensamento e a obra de Freire. Isso vale, creio, não apenas com relação a Freire, mas a qualquer autor ou autora. Com base em algumas leituras, numa disciplina, num curso ou breve seminário, pretendemos conhecer o pensamento de um autor e tiramos conclusões ou tomamos decisões para ação baseadas em tal conhecimento. Uma das coisas mais correntes deste “senso comum” freireano é a de reduzir o diálogo proposto por Freire a uma técnica ou a um método. A respeito de seu “método”, respondendo a uma das perguntas do Claudius Ceccon, Freire se questiona: “Será que se trata de um método?” E responde dizendo que é, realmente, um método, mas não um método pedagógico e, sim, um método

epistemológico. E acrescenta que ele sempre se preocupou com uma nova teoria do conhecimento.

Outra interpretação que deturpa totalmente o pensamento de Freire é a de contrapor diálogo a aula expositiva. As duas citações feitas no início deste artigo, a respeito das aulas ou seminários de Max Scheler e Emmanuel Mounier, são um exemplo eloquente de que aula expositiva da melhor qualidade não é estorvada pelo diálogo, pelo contrário. O mesmo poderíamos dizer com relação a Ernani M. Fiori, que também estimulava os alunos a questionarem e discutirem em aula. E todos os que foram alunos ou colegas do Ernani sabem muito bem que ele era um intelectual como poucos, perfeito, na palavra falada, em suas aulas.

Quanto à maneira de Freire ver a relação entre a aula expositiva e diálogo, ele disse e escreveu, em várias oportunidades, que uma aula expositiva bem ministrada, desafiando a inteligência e a criticidade dos alunos, pode ser um ótimo exemplo de diálogo. Contrariamente a isso, aulas em que se multiplicam técnicas de trabalho em grupos e de apresentações de trabalhos por parte dos alunos, inspiradas apenas pela preocupação técnica de variar as formas de trabalhar em aula, ou propostas como exigências unilaterais do professor, podem não levar a lugar algum, em termos de aprendizagem autêntica, e, mais ainda, como desenvolvimento da autonomia dos alunos e, especialmente, da capacidade para “dizer a sua palavra”.

Uma das objeções mais frequentes dos que reduzem toda a obra pedagógico-política de Freire ao assim denominado “método Paulo Freire” é que esse “método” não se aplica em aulas para crianças. Já ouvimos de muitas pessoas que “crianças têm que aprender”, e assim não cabe ficarmos “dialogando”. O professor ou a professora devem, afinal, ensinar, e estamos entendidos. Além disso, não se pode aplicar com elas, as crianças, segundo tais pessoas, o método das palavras geradoras ou dos temas geradores. Um orientando meu de doutorado me contou que ouviu a objeção acima expressa nestes termos: “Com as crianças você não pode partir da realidade. Elas não têm ainda capacidade para isto. Você precisa levar as coisas prontas.” Poderíamos pensar simplesmente: “Sem comentários”. Mas prefiro dizer: não seria melhor perguntarmos às crianças se elas gostam ou não de ser ouvidas? Ou então, o que teriam as mães a nos dizer, elas que dedicam longas horas a responder perguntas e mais perguntas das crianças, na sua insaciável curiosidade? Trata-se daquela “curiosidade espontânea”, que, segundo Paulo Freire, devemos incentivar e cultivar, para que se transforme em “curiosidade epistemológica”, fundamento e origem da vocação de futuros(as) pesquisadores(as).

Em 1980, iniciei com minhas alunas de Filosofia da Educação, no Celes, hoje Unilasalle, uma pesquisa com crianças de seis ou sete anos, sobre as cartilhas com que seriam alfabetizadas no ano seguinte em escolas

da grande Porto Alegre. Discutimos depois em aula as respostas obtidas. A pesquisa ficou inconclusa quando parti para o doutorado. Assim mesmo, deu origem a um seminário sobre alfabetização, do qual surgiu um número especial da revista *Educação e Realidade*. Guardo ainda aqueles questionários respondidos e pretendo retomá-los, depois de tanto tempo, porque, segundo me parece, aquelas crianças mostraram que tinham muita coisa a dizer sobre as cartilhas que lhes eram impostas, quase totalmente estranhas à suas experiências de vida, seus problemas, sua linguagem e seus sonhos. Um segundo momento da pesquisa previa gravações das falas daquelas crianças, para levantarmos, baseados em tais gravações, as palavras-chave que poderiam transformar-se em “palavras geradoras” e “temas geradores” muito mais de acordo com seus valores culturais, do que as palavras e os temas que as cartilhas traziam nos títulos de suas lições.

A esta altura não posso deixar de relatar a experiência emocionante de uma orientada minha de mestrado em educação da UFPel, professora Bernadete Lemos. Como apaixonada do ensino de matemática, escolheu fazer sua pesquisa sobre a matemática dos feirantes de Pelotas. Durante o curso ela foi também convidada pela direção do Colégio Gonzaga para um trabalho, por um período de três meses, em aulas de reforço para crianças de uma escolinha que o Gonzaga mantinha num bairro de Pelotas. A professora Bernadete fez tudo o que lhe

foi pedido, mas com uma pedagogia marcada pela sua paixão de ensinar, partindo da realidade daquelas crianças, marcadas por uma auto-imagem baixíssima e pelo complexo de que não conseguiriam aprender matemática. Numa das sessões de orientação ela me contou que uma tarde perguntou àquelas crianças o que faziam de manhã, quando não estavam na escola. Um dos meninos disse:

Eu vou vender sacolés.

E quem faz os sacolés? – perguntou a professora.

Minha avó, – respondeu ele.

A quanto vendes um sacolé?

A vinte centavos, foi a resposta.

E quantos sacolés vendes numa manhã?

Uns trinta sacolés, Professora.

Quanto ganhas então, Pedrinho?

Ele calculou mentalmente e respondeu rápido.

A professora perguntou ainda o que ele fazia com o dinheiro. O Pedrinho respondeu que levava para a avó, a qual, antes de guardá-lo, separava uma certa quantia, e com ela ele ia ao armazém comprar as coisas necessárias para o almoço: feijão, arroz etc. A professora perguntou ainda quantos sacolés ele precisava vender para comprar um quilo de feijão, outro de açúcar, ou então de arroz. E o Pedrinho respondeu com a mesma rapidez.

A partir desse diálogo e de outras respostas, de uma menina que ajudava a mãe a cuidar dos maninhos, da outra que, além de cuidar dos maninhos, fazia as compras e preparava a comida, porque a mãe era faxineira, e demais respostas, a professora Ber-

nadete questionou aquelas crianças. “Problematizou” freireanamente a auto-imagem negativa delas, a idéia de que não eram inteligentes e, sobretudo, a convicção de que não conseguiam aprender matemática. Chamou a atenção para a rapidez com que o Pedrinho respondera às perguntas dela, fazendo uma porção de contas sem precisar de caneta e papel. Acrescentou o exemplo da coleguinha, que devia fazer as compras para o almoço e outras situações semelhantes, em que todos(as) eles(as) se viam às voltas com a necessidade de fazer contas, de usar a matemática no dia-a-dia.

Não preciso delongar-me em descrever as mudanças acontecidas na auto-imagem daquelas crianças e na confiança delas em sua capacidade para aprender, não apenas a matemática, mas tudo o que a escola e a vida lhes ofereciam. Pedi à minha orientanda que aproveitasse, para a sua dissertação de mestrado, os depoimentos daquelas crianças, que, ao término dos três meses, pediam à direção do Colégio Gonzaga, em suas cartinhas, que a professora não fosse embora. Não lembro até se ela se inspirou em Freire para aquelas aulas admiráveis. Mas, com certeza, praticou o diálogo mais autêntico, valorizando os saberes e as experiências de vida daquelas crianças.

O diálogo, segundo Freire, não é, pois, um mero recurso didático ou procedimento pedagógico para tornar aulas, palestras ou seminários mais atraentes. É também isso. Mas é, acima de tudo, uma exigência essencial,

ontológico-existencial para a pessoa humana, para todas as formas de relações humanas e para a vida em comunidade e sociedade. Nessa perspectiva, Freire se insere no leque amplo e diversificado das filosofias assim ditadas “personalistas” ou dos “personalismos”, enquanto filosofias que estabelecem, como preocupação central, a afirmação da pessoa humana em sua eminente dignidade e através de todas as suas dimensões. Bastaria lembrarmos, entre os numerosos filósofos do nosso tempo, além de Mounier, Nédoncelle, Lacroix, Ricoeur, Buber, Levinas, Landsberg, Blondel, Marcel, Jaspers, Max Scheler, entre os europeus. Mas não podemos esquecer grandes filósofos e teólogos nossos, latino-americanos, como o padre Lima Vaz, Ernani M. Fiori, Gustavo Gutierrez, Leonardo Boff, Enrique Dussel e outros.

O tema deste artigo é “Educação e diálogo”. Poderíamos questionar se o título é correto. Ao pensarmos na relação entre diálogo e educação, expressa no título, creio podermos dizer, sem medo de errar ou exagerar, que não é possível educação nem é possível ensino sem o diálogo, assim como não é possível a vida sem o diálogo. Desfeito o equívoco de considerar o diálogo meramente como recurso didático, como técnica ou método de ensino, cabe-nos considerá-lo, então, elemento essencial a todo processo educativo e a todo o processo de ensino-aprendizagem.

A citação desses autores e a idéia de um leque amplo, no qual se insere Freire, levam-me a pensar num diálogo muito mais vasto ainda.

Reinvenções freireanas do diálogo

Freire era a tal ponto apaixonado pelo diálogo que o recriava e reinventava continuamente, elaborando novas formas de praticá-lo e promovê-lo. Quando ele não podia dialogar diretamente com seus interlocutores, supria o diálogo com seus escritos. Vários de seus livros ele os escreveu como se fossem cartas destinadas a seus(suas) leitores(as). Lembremos: *Cartas à Guiné Bissau*; *Cartas a Cristina*; *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar* e, finalmente, o livro que ele deixou inconcluso ao morrer, que deveria intitular-se *Cartas pedagógicas*. Não tendo podido terminar as *Cartas* que planejava, o título do livro póstumo foi: *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*.

A maior genialidade literário-pedagógica de Freire foi, talvez, a de ter criado o gênero dos livros dialogados, com vários interlocutores brasileiros e numerosos outros de diferentes nacionalidades. Além de uns vinte livros de sua autoria pessoal, temos, assim, outras duas dezenas, aproximadamente, de livros dialogados, em diferentes idiomas e diferentes contextos geográficos e culturais.

Ao falar em “livros dialogados”, guardo comigo uma frustração “bibliográfica”. Paulo Freire tinha aceito, com entusiasmo, a proposta de um livro dialogado sobre Ernani M. Fiori. Eu já havia enviado a ele as questões para a entrevista a ser gravada. Ex-

pressou, porém, o desejo de que o livro não fosse apenas biográfico, por isso pretendia reler antes os escritos do Fiori. A certa altura convenci-me de que ele não encontraria o tempo para tais leituras. Propus-lhe, por isso, organizar uma leitura seletiva. Eu reformularia as questões, indicando, para cada uma, as páginas que ele poderia ler antes, dos dois volumes das obras póstumas, ou de outros escritos. Ele me fez uma contraproposta, de uma entrevista preparatória, breve, a partir da qual planejaríamos depois o livro dialogado. Mas não houve mais tempo. É compromisso meu reunir várias entrevistas e outras falas de Freire a respeito do grande amigo, o Ernani, e espero podermos publicar ainda o livro que, segundo Freire mesmo disse, a memória do Fiori merece.

Um outro legado do diálogo de Freire são as numerosíssimas entrevistas, muitas delas publicadas, em diferentes idiomas, e tantas outras inéditas.

Tomando chimarrão juntos

Neste ano de 2006 vai acontecer, na Faculdade de Educação da Universidade de Passo Fundo, a 8ª sessão anual do Fórum Paulo Freire, que está sendo, na minha percepção, uma das mais ricas experiências de diálogo de que venho participando. O Fórum Paulo Freire nasceu do diálogo e foi fundado, como criação coletiva, duran-

te o Congresso Internacional Paulo Freire, na Unisinos, em 1998. No ano seguinte, foi sediado, em sua primeira sessão anual, pela mesma Unisinos. Aconteceu depois, nos anos seguintes, na UFSM, no Unilasalle, na UFPel, na Unisc, na Uergs (em Alegrete), na EST (São Leopoldo). Finalmente, neste ano subiremos a Serra, porque fomos convidados pelos(as) amigos(as) professores(as) e alunos(as), da Universidade de Passo Fundo, para “tomarmos chimarrão juntos” no Planalto. Os trabalhos levados, cada ano, na média de sessenta ou setenta, para as sessões andarilhas do nosso fórum acumulam já uma riqueza enorme de experiências inspiradas em Freire, dando-nos a certeza de que o diálogo continua.

Numa de suas últimas entrevistas, considerando a complexidade e a urgência crescentes dos problemas, Paulo Freire disse que cabe a nós inventarmos novas pedagogias. Os encontros anuais no nosso fórum não representam, portanto, ocasiões para repetirmos Paulo Freire. Ele próprio nos desautoriza, desafiando-nos, pelo contrário, para recriarmos continuamente, por meio do diálogo, na teoria e na prática, os caminhos da educação. Num dos seus últimos livros convidou-nos para o diálogo “à sombra da mangueira”, ao que parece, sua árvore predileta. Neste ano, nós, seus amigos e suas amigas, o estaremos convidando para tomar conosco o chimarrão à sombra majestosa dos pinheiros, no coração do Planalto, em Passo Fundo.

E de algum lugar de sua nova morada,
tenho certeza de que ele responderá:
“Presente!”

Abstract

Dialogue, as one of the main elements of Freire’s pedagogy, is addressed in this article under different aspects. Freire did not theorize only on dialogue. He practiced it constantly throughout his lifetime and also expressed it when writing his books. Freire is the co-author of more than twenty books, dialoguing with other educators. Four of his books have the word “letters” on the title. Other great thinkers, from Socrates and Plato, until Max Scheller and Mounier, practiced dialogue as educators, as well as in their works. The article places Freire historically among the great masters of dialogue, defining existing affinities, and also the differences, especially because, as an educator, he introduced a new epistemological-pedagogical and political paradigm, while constructing all his work through the preferential dialogue with the “condemned of the earth” (Fanon), with the excluded, the oppressed, the historical subjects of the “margins”.

Key-words: dialogue, education, Freire, oppressed, praxis, new paradigm.